

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSÉ CARLOS DA SILVA SANTOS

GÊNEROS TEXTUAIS: UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

JOÃO PESSOA - PB

2018

JOSÉ CARLOS DA SILVA SANTOS

GÊNEROS TEXTUAIS: UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eneida Martins de Oliveira.

João Pessoa - PB

2018

JOSÉ CARLOS DA SILVA SANTOS

GÊNEROS TEXTUAIS: UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da Aprovação: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Eneida Martins de Oliveira
(Orientadora)

Prof^a Dr^a. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Benício de Melo
(Examinadora)

Dedico esse trabalho de conclusão de curso aos meus pais, que acreditaram e investiram em mim, diante de minha perseverança e determinação em alcançar meu objetivo.

Dedico às minhas professoras e aos meus professores pelo zelo e ajuda, fundamentais para a efetivação desta longa e árdua jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por guiar meus passos e iluminar meus caminhos. Agradeço Aos professores do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, pela dedicação e incentivo que tornaram possíveis a finalização da graduação e conclusão desta monografia.

À minha orientadora, Profa. Dra. Eneida Martins de Oliveira, pela dedicação, empenho e disponibilidade a mim ofertados para a confecção deste trabalho.

“Assim, tenho prazer em fraquezas, em insultos, em privações, em perseguições e dificuldades, por Cristo. Pois, quando estou fraco, então é que sou poderoso.”

2 Coríntios 12:10

RESUMO

Este trabalho tem como fim trazer uma breve revisão acerca dos gêneros textuais por ser um tema tão estudado e recomendado pelos PCN's nas aulas de Língua Portuguesa como base para os estudos mais aprofundados no tema em questão . No tocante ao contexto escolar, não se concebe mais trabalhar apenas as tipologias textuais, como narração, descrição, dissertação e injunção. Assim, para a abordagem dos gêneros, bem como para demonstrar sua importância como um recurso metodológico eficaz em sala de aula, selecionamos os seguintes autores: Bakhtin (1981); Bezerra 2015; Brito, Gaydeczka e Karwoski (org.) Dolz, Schneuwly e colaboradores (2004); Lovato www.unioeste.br/travessias; Marcuschi (2008); Neves www.ufsm.br revista 23

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais, Tipos textuais, Domínio discursivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
JUSTIFICATIVA.....	13
OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFIOS.....14	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
GÊNEROS TEXTUAIS: CONFIGURAÇÃO, DINAMICIDADE E CIRCULAÇÃO.....	16
.....	17
GÊNERO TEXTUAL18	
TIPO TEXTUAL 19	
DOMÍNIO	
DISCURSIVO.....	20
GÊNEROS TEXTUAIS:UM BREVE	
HISTÓRICO.....	21
ATIRINHA.....22	
O CARTUM.....23	
A CARICATURA.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....25	
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema gêneros textuais deu-se à partir das leituras, das aulas da disciplina Leitura e Produção de Textos I (LPT I) e videoaulas acompanhadas pela internet. Este tema é do meu interesse porque desde Aristóteles os gêneros eram estudados na literatura não como gêneros textuais como hoje são estudados, mas como gêneros literários. Como ilustração os gêneros eram divididos em três partes, quais sejam: lírico, épico e dramático. Hoje o conceito de gênero se estendeu para todo ato comunicativo, seja oral ou escrito. De acordo com Marcuschi (2005) no seu texto sobre Gênero como categoria fluida, hoje a noção de gênero não mais segue ao conceito Aristotélico. Os gêneros textuais ampliaram-se para toda a produção textual. E a reflexão sobre gênero textual é relevante e necessária, já que ele vem através da linguagem.

Nas reflexões de Bahktin (1979), o gênero é compreendido como um enunciado de natureza histórica, sociointeracional, ideológica e linguística.

Para Bazerman (1994), os gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros, ou seja, os gêneros são rotinas sociais de nosso dia a dia.

Para os estudos atuais os gêneros textuais fazem parte de uma área que envolve a interdisciplinaridade.

Há uma variedade de teorias de gêneros, tendo-se em vista que o gênero é flexível e variável, tal como a linguagem. Assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se.

Miller (1984, p. 152) define “gênero não como substância ou forma de discurso, mas como ação usada para executá-lo.”

Por conseguinte, os gêneros não são classificáveis como formas puras e nem catalogados de maneira rígida.

Ao operar com gênero, ensinamos a atuar de forma sociodiscursiva e não apenas produzir texto.

Bahtia (1993), comenta que a ação com gêneros é sempre uma seleção tática de ferramentas adequadas a algum objetivo.

Os livros didáticos trazem uma infinidade de gêneros que são estudados pelas escolas de Níveis Fundamental e Médio. Os professores de

língua portuguesa são exortados ou orientados a trabalharem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) os quais trazem os gêneros textuais como um dos conteúdos a serem lecionados em sala de aula. Salientamos, com isso, que os alunos de Língua Portuguesa são ensinados a reconhecerem não somente a tipologia textual, como *narração*, *descrição* e *dissertação*. Nesta introdução serão expostos o tema e seus subtópicos que fazem referência aos gêneros textuais de maneira que o leitor tenha uma visão ampla do que sejam gêneros textuais, funcionalidade no âmbito social e o emprego de gêneros textuais mais utilizados no ato comunicativo. Já os (Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e os gêneros textuais: foram elaborados pelo Governo Federal e são referências de qualidade para os ensinos fundamental e médio do país. O objetivo é propiciar subsídios à elaboração e reelaboração do currículo, tendo em vista um projeto pedagógico em função da cidadania do aluno e uma escola com um nível de qualidade no ensino cada vez maior. Os PCN's, como uma proposta inovadora e abrangente, expressam o empenho em criar novos laços entre ensino e sociedade e apresentar ideias do "que se quer ensinar", "como se quer ensinar" e "para que se quer ensinar". Tais parâmetros não são uma coleção de regras e, sim, um pilar para a transformação de objetivos, conteúdo e didática do ensino. No que se refere ao ensino de língua portuguesa, os PCN apresentam propostas de trabalho que valorizam a participação crítica do aluno diante da sua língua e que mostram as variedades e pluralidade de uso inerentes a qualquer idioma. Ao analisarmos os PCN's de língua portuguesa para o ensino fundamental, veremos que eles se dividem em duas partes: apresentação da área de língua portuguesa, em que se discutem questões sobre a natureza da linguagem, o ensino dessa disciplina, seus objetivos e conteúdos, e a relação texto oral-escrito / gramática; e língua portuguesa no terceiro e no quarto ciclos, em que aparecem os objetivos e conteúdos específicos dessa fase, divididos em prática de escuta de textos orais/leitura de textos escritos, prática de produção de textos orais e escritos e prática de análise linguística. Os PCN's propõem a interdisciplinaridade, para que o aluno considere a língua em uma perspectiva mais ampla, e a relação da disciplina aos temas transversais que norteiam os PCN's (ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo); e, na segunda parte, constam informações sobre

projetos, uso de tecnologia em sala de aula e critérios de avaliação. (MARCHEZI & LINS, 2011, p.2387).

JUSTIFICATIVA

Os gêneros textuais são muito estudados e abordados por Marcuschi (2008), assim como outros teóricos de renome internacional, por exemplo, Dolz, Bazerman e Bakhtin. Tema que suscitou um estudo mais detalhado que amplia os conceitos de tipologia textual, que normalmente, eram apresentados pelos livros didáticos nas escolas de níveis Fundamental e Médio. Atualmente há uma infinidade de gêneros que devem ser estudados pelos alunos desde a pré-escola como forma de torná-los alunos proficientes e competentes em sua língua materna. Esta proposta já se encontra nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Os gêneros literários estudados por Platão, Quintiliano e Aristóteles já foram “superados”, ou seja, na modernidade os gêneros textuais ganharam *status* de grande relevância. O aluno não só deve conhecer e identificar os tipos de textos, mas obter um conhecimento mais aprofundado das diversas características dos gêneros textuais que suplante apenas obter de como se compõe os vários gêneros textuais. O estudo dos gêneros não é novo e, no Ocidente, já tem vinte e cinco séculos se considerarmos que sua observação sistemática se iniciou em Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema.

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade até os primórdios do século XX. Atualmente, a noção de gênero não mais se vincula apenas à literatura, como lembra Swales

(1930, p.33), ao dizer que “hoje, gênero é facilmente usado para se referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. É assim que se usa a noção de gêneros textuais em etnografia, sociologia, antropologia, retórica e na linguística. É com Aristóteles que surge uma teoria mais sistemática sobre os gêneros.

Não há como nos comunicarmos sem o uso dos gêneros textuais, escritos ou orais. Os falantes de qualquer que seja a língua se utilizam daqueles recursos (gêneros textuais) nas suas diferentes atividades humanas. Os gêneros textuais são práticas usuais no interior de variados contextos em que haja interação entre os falantes que fazem parte de uma comunidade linguística.

Bazerman (2006:23) sustenta que os “gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar.” Ações comunicativas preveem a presença de intenções ou propósitos.

OBJETIVO GERAL

Esta monografia é direcionada com o intuito de trazer uma reflexão para além das tipologias textuais estudadas nas escolas de ensino básico, procurando ressaltar a relevância que tem este tema em estudo. Por este motivo, este trabalho traz alguns conceitos básicos relacionados aos gêneros textuais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar conceitos ou fundamentos básicos sobre gêneros textuais como um estudo importante de ser trabalhado em sala de aula;
- Apontar as características peculiares às tipologias textuais e aos gêneros textuais nas suas elaborações;

- . Demonstrar que tipologia textual é um conceito interno dos gêneros textuais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os gêneros textuais têm sido amplamente estudados na Linguística, à partir de trabalhos como os de Bakhtin (1997), Dolz e Schneuwly (1999), Bronckart (1999), Bazerman (2005, 2006, 2007), Miller (1984, 2008), Bathia (2009), Swales (2009), entre outros. Esses estudos tratam da natureza do gênero textual com diferentes enfoques teóricos, por sua conceituação e vinculação a uma prática social, sociorretórica, discursiva e/ou escolar, além de focalizar seu interesse no texto, na materialidade linguística e no sujeito, produtor, leitor, vivente dessa prática de linguagem.

No Brasil, o tema “gêneros textuais” entrou em cena a partir da implementação, em todo o país, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’S), em 1998. Esse documento, com base nas teorias e concepções sobre a linguagem, o aprendizado e o desenvolvimento do sujeito de Bakhtin, indica ao professor uma prática reflexiva com o texto, seja do aluno, seja de outros autores, baseada numa das teorias dos gêneros textuais e na gramática reflexiva.

Algumas dessas perspectivas receberam maior aceitação entre os professores e educadores brasileiros e outras ainda não atingiram um nível de aceitação tão amplo. A proposta deste artigo é discutir as concepções de duas

correntes teóricas de gêneros textuais: o grupo teórico de Genebra e o grupo de estudos sociorretóricos dos EUA, e analisarmos os porquês da aceitação mais ampla de uma dessas propostas por parte dos professores brasileiros. Apesar de sabermos que, anteriormente ao lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), houve trabalhos como os de Motta-Roth e Biasi-Rodrigues, julgamos que o documento nacional trouxe à questão dos gêneros maior visibilidade no cenário educacional brasileiro. RBLA, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 119-140, 2012 121.

A escolha das correntes teóricas do Grupo de Genebra e do grupo sociorretórico dos EUA deve-se ao fato de que, em tese, concebem o gênero de maneira muito distinta (a primeira seguindo a tradição bakhtiniana de que os gêneros são “tipos relativamente estáveis” de enunciado (BAKHTIN, 2003, p.279) produzidos em esferas específicas de utilização da língua, e a segunda seguindo a definição de Miller (1984, p. 159), gêneros como “ações retóricas tipificadas, baseadas em situações recorrentes”) e com implicações, que, como supomos, seriam diferentes para a educação escolar no Brasil. Além do fato de uma certa aceitação ingênua da primeira corrente teórica pelos educadores, por sua disponibilidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), sem que houvesse um questionamento crítico dessa vinculação a uma concepção de práxis pedagógica.

Neste texto, metodologicamente, apresentamos uma pequena história dos gêneros textuais, até o ano de lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e ao conceito de gêneros textuais presente nesse documento; depois, analisamos as implicações dessa definição para o ensino. A seguir, passamos às concepções do grupo sociorretórico e as comparamos ao grupo de Genebra e, por fim, refletimos sobre estas concepções na atual situação da educação de língua materna no país.

GÊNEROS TEXTUAIS: CONFIGURAÇÃO, DINAMICIDADE E CIRCULAÇÃO

É inegável que a reflexão sobre gênero textual é hoje tão relevante quanto necessária, tendo em vista ser ele tão antigo como a linguagem, já que

vem as reflexões de Bakhtin (1979) com a ideia central de gênero como um enunciado de natureza histórica, sociointeracional, ideológica e linguística “relativamente estável”, levaram a uma série de posições que beiram à inconsequência. O contrário do que ocorreu, parece que para Bakhtin era mais importante frisar o “relativamente” do que o “estável”. Contudo, para muitos, o aspecto mais interessante foi a noção de estabilidade que parece sobrepor-se aos aspectos estritamente formais e captar melhor os aspectos históricos e as fronteiras fluidas dos gêneros.

Bazerman (1994) afirmava que apesar de nosso interesse em identificar os gêneros e classificá-los, esta é uma tarefa pouco possível, já que nos entregaríamos a um formalismo reducionista, pois, as nossas identificações de formas genéricas sempre terão curta duração. Para o autor gêneros são o que as pessoas reconhecem como tal a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Desta forma, os gêneros se apresentam como práticas sociais de nosso dia a dia.

O estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar com atenção social. Os gêneros não são modelos estanques ou estruturas rígidas, mas formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem. São entidades poderosas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Limitam nossa ação na escrita, o que faz com que Amy Devitt (1997) identifique o gênero como nossa “linguagem estandar”, o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação.

Consequentemente, é possível depreender que o gênero é essencialmente flexível e variável, já que seu componente crucial, a linguagem, também assim se configura. Pois, tal como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Hoje a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros

como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem, como propõe Miller (1984) somos levados a ver os gêneros como dinâmicos, cujos limites e demarcação se tornam fluidos.

Diante desse interesse, pode-se dizer que estudar o gênero é, no mínimo, uma tarefa árdua, diante da tamanha profusão e terminologias, teorias e posições a respeito da questão. Por isso, é quase impossível hoje dominar satisfatoriamente a quantidade de sugestões para o tratamento dos gêneros textuais.

TIPO TEXTUAL, NOÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL E DOMÍNIO DISCURSIVO

Uma das teses centrais a ser defendida e adotada é a de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Daí a centralidade da noção de *gênero textual* no trato sociointerativo da produção linguística. Em consequência, estamos submetidos a tal variedade de gêneros textuais, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta, sendo eles inúmeros, tal como lembra muito bem Bakhtin (1979), mas não infinitos.

Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Esta ideia foi defendida de maneira similar também por Miller (1984). Como afirmou Bronckart (1999: 103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática

nas atividades comunicativas humanas”, ainda conforme Bronckart:

o que permite dizer que os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação socio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual.

Para deixar alguns conceitos claros nesta exposição, trazemos umas poucas definições com as quais depois vamos trabalhar para observar a possibilidade de traduzir isso para o ensino. Vejamos de maneira mais sistemática como devemos entender os termos que estamos usando, já que eles raramente são definidos de modo explícito.

TIPO TEXTUAL

Designa uma espécie de construção (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição*, *injunção*. O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um *texto argumentativo* ou *narrativo* ou *expositivo* ou *descritivo* ou *injuntivo*.

GÊNERO TEXTUAL

Refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. Como tal, os gêneros são forma escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

DOMÍNIO DISCURSIVO

Constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas* (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.

GÊNEROS TEXTUAIS: UM BREVE HISTÓRICO

Como já foi mencionado, o estudo dos gêneros textuais é muito antigo e estava centrado na literatura. Teve origem com Platão, na tradição poética e

com Aristóteles a tradição retórica. Sai, contudo, dessa origem e vem para a linguística de maneira geral, mas em particular nas perspectivas discursivas.

Na linguística, podemos observar várias tendências no tratamento dos gêneros textuais. Vejamos:

- 1) Uma linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schneuwly/Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart. Essa linha de caráter essencialmente aplicativo ao ensino de língua materna e é desenvolvida particularmente na PUC/SP.
- 2) Perspectiva “swalesiana”, na linha da escola norte-americana mais formal. É assim denominada pela influência dos estudos de gêneros de Swales (1990). Essa perspectiva é observada nos estudos da UFC, UFSC, UFSM e outros polos.
- 3) Uma linha marcada pela perspectiva sistêmico-funcional de Halliday com interesses na análise linguística dos gêneros é base para os estudos na UFSC.
- 4) A quarta perspectiva é a mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e dos norte-americanos como Bazerman, Miller e outro e dos ingleses e australianos como Kress e Fairclough. Essa perspectiva é a que se vem desenvolvendo na UFPE e UFPB.

De maneira geral, o que se tem notado no Brasil é uma enorme proliferação de trabalhos, inicialmente na linha de Swales da Escola de Genebra e com influências de Bakhtin, que é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, e, por isso, pode servir de base para todos de forma bastante proveitosa. Bakhtin demonstra uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem.

Os gêneros textuais se materializam através de texto, sendo esses escritos, orais ou multimodais, como gêneros textuais em formas de tirinha, cartum, caricatura etc. Os multimodais não só escritos, mas ilustrados que trazem gravuras que facilitam a compreensão do texto escrito e até humor, crítica e

sátira a pessoas de autoridade como governantes, momento político e econômico por que passa o nosso país. Estas outras formas são comuns de se apresentarem dentro do tema em pauta.

Detalharemos um pouco sobre a tirinha, o cartum e a caricatura diante da importância destes para o contexto de ensino. São gêneros mais atrativos aos alunos devido aos aspectos multimodais neles contidos. Tornam-se, por isso, um bom caminho para se iniciar o trabalho com os gêneros e a consequente introdução de outros mais distantes da realidade em que esses alunos estão inseridos, mas que são gêneros difundidos socialmente.

1) A Tirinha



A tirinha é uma sequência de quadrinhos que geralmente faz uma crítica aos valores sociais. Este tipo de texto humorístico é publicado com regularidade. Pode-se dizer que são como as histórias em quadrinhos (HQ's), porém bem mais curtas. As tirinhas podem estar contidas em jornais, revistas e em sites da Internet.

2) O Cartum



O cartum é um tipo de texto humorístico que se caracteriza como uma espécie de anedota gráfica sobre o comportamento humano. Nele, podemos visualizar apenas a presença da linguagem não-verbal ou a associação com a linguagem verbal. No geral, o cartum aborda situações que poderiam ocorrer em qualquer tempo ou lugar, satirizando os costumes humanos, sem fazer referência a uma personalidade em específico.

O nome cartum veio de um fato que ocorreu no ano de 1841, em Londres. O príncipe Albert, com o objetivo de decorar o Palácio de Westminster, promoveu um concurso de desenhos feitos em grandes cartões (*cartoons*) que seriam colados nas paredes. Para satirizar a situação, a revista inglesa Punch, a primeira revista humorística do mundo, publicou os seus próprios cartoons e, assim, deu um novo significado à palavra.



3) A caricatura

A caricatura é um desenho de uma personagem da vida real, como políticos e artistas, em que há representação exagerada de características ou hábitos da pessoa em questão de uma forma humorística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto neste trabalho monográfico, podemos concluir que o tema em pauta é de uma complexidade maior do que trazem os livros didáticos. Os gêneros textuais não se limitam apenas às tipologias textuais, vão muito além disso. Estes últimos são conceitos inerentes ou internos aos gêneros textuais. Por outro lado, os gêneros textuais são textos escritos ou orais materializados nas mais variadas atividades humanas. Não podemos interagir no dia a dia sem utilizar os gêneros textuais por mais fortuita que seja a atividade desenvolvida entre os falantes de uma língua.

Falar de gêneros textuais é atuar através de uma língua e somente o Homem tem essa capacidade inata de satisfazer suas demandas das mais simples às mais complexas mediadas pelos gêneros textuais.

Sendo assim, procuramos incitar o leitor letrado e não letrado a uma pesquisa mais acurada sobre o tema. Salientamos também que este trabalho contribui para a Educação, nos níveis Fundamental e Médio, com a recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Os gêneros textuais são de fundamental importância para os alunos dos níveis mencionados acima, pois torna-os mais críticos frente a realidade não só concernente a escrita e oralidade, mas a terem mais discernimento aos textos não escritos ou oralizados. Por exemplo: interpretar uma charge, que além do texto escrito é seguido do texto visual como uma gravura ou um desenho fazendo referência à autoridades que são do poder governamental.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BEZERRA, S. **Produção textual em uma coleção didática de língua portuguesa: Concepções subjacentes e metodologia para o trabalho com gêneros**. Diálogos das Letras, Pau dos Ferros nº 04, nº 02, p. 145-158, jul/dez 2015, In: UERN, [article>sownload](#). Produção textual em uma coleção didática de língua portuguesa. PDF periódicos.

BRITO, Karin Siebeneicher; GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mário (org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. In: II SIGET – SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DOS GÊNEROS TEXTUAIS 05 E 06 AGO. 2004. Palmas e União da Vitória (PR): Kayganguê, 2005.

DOLZ, Joaquim, Schneuwly, Bernard e Colaboradores, Tradução e Organização de ROJO, Roxane e CORDEIRO, Gláís Sales. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas-SP, Mercado de Letras, 2004.

LOVATO, Cristina dos Santos. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. In: Travessias Ed. 03 INSS 1982-5935. www.unioeste.br/travessias

MARCUSCHI, Luiz ANTÔNIO. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARCHEZI, Natália Muniz & LINS, Maria da Penha Pereira. Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Por uma abordagem de gêneros textuais em sala de aula: O trabalho com Entrevistas (UFES)

NEVES, Mônica Mezeche. **Compreendendo os conceitos de Brockart-** Uma perspectiva interacionista sociodiscursiva. www.ufsm.br revista 23.

PUBLICAÇÕES – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – PORTAL DO MEC
portal.mec.gov.br>...>Secretarias> SECAD – Educação Continuada